

ANÁLISE DE UMA SOCIEDADE DECADENTE SOB A VISÃO FRANKFURTIANA

*Amália Luíza De Sandro Nery Ferreira**

*Brunah Pasa Rockenbach***

*Gustavo Mendes Sant'Ana****

*Maelison Silva Neves*****

*Maykonn Makry Sauder******

RESUMO

O texto é um estudo sobre a influência da razão subjetiva e da razão objetiva na sociedade contemporânea, segundo a leitura do livro Eclipse da Razão de Max Horkheimer.

PALAVRAS-CHAVE

Sociedade, razão objetiva, razão subjetiva, Filosofia.

ABSTRACT

The text is a research about the influence of the subjective reason and objective reason in the contemporary society, according to the reading of the book Eclipse of Reason from Max Horkheimer.

KEYWORDS

Society, objective reason, subjective reason, philosophy.

* Mestre em Educação pela UFMT e professora de Filosofia nos cursos de Psicologia e Farmácia na Universidade de Cuiabá. Rua Santa Mônica, qd. 03, casa 02, Jardim Califórnia, Cuiabá-MT. Tel.:(65) 3634.51.34/ 8112.2122/ 99837947. amalia luiza@yahoo.com.br

** Graduada de Psicologia da Universidade de Cuiabá.

*** Graduando de Psicologia da Universidade de Cuiabá.

**** Graduando de Psicologia da Universidade de Cuiabá.

***** Graduando de Psicologia da Universidade de Cuiabá.

Após a barbárie da Primeira e Segunda Guerras Mundiais, o cenário europeu era de cidades destruídas, lares esvaçados, famílias divididas, pessoas mortas em campos de concentração. Por outro lado, países como os Estados Unidos saíram enriquecidos pelo comércio bélico e pelo espólio dos derrotados.

A Segunda Guerra Mundial culminou com a perseguição nazista aos semitas. Tendo vivenciado todo esse período, inclusive como um judeu exilado nos Estados Unidos, Horkheimer escreveu o livro *Eclipse da Razão*, no qual busca investigar o conceito de racionalidade subjacente à sociedade industrial que foi cenário destas atrocidades para ver se esse conceito de razão contém falhas. Como membro da Escola de Frankfurt¹, ele se pergunta sobre os motivos que fizeram com que essas barbáries ocorressem sem nenhuma resistência e questionamento.

O conceito de razão subjetiva é o sentido que predomina atualmente e tem como principais características a adequação dos meios a uma finalidade, categorização e redução das coisas a números. Esses aspectos estão presentes nas ciências positivista e cartesiana, que procuram reduzir a realidade a fórmulas matemáticas, nas quais tudo pode ser enquadrado em modelos que pretendem fazer previsões e experimentações, sempre com uma finalidade utilitária e relacionada com os mecanismos de dominação social.

No conceito de razão subjetiva, não existem ações nem fatos racionais por si mesmos, a própria razão é apenas a capacidade de coordenar os meios aos fins com o objetivo de obtenção de lucros. Deste modo, segundo os critérios subjetivistas, é possível justificar a invasão de um país e sua conseqüente desestruturação se a finalidade disso for a instauração da democracia e o combate ao terrorismo, como os EUA fizeram no Iraque e no Afeganistão.

1 Segundo Olgária C.F. Matos (1993): Autores com origens intelectuais e influências teóricas distintas reuniram-se a partir de 1923, em Frankfurt, empreendendo uma crítica radical daquele tempo. Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Leo Lowenthal, Franz Neumann, Erich Fromm, Otto Kirchheimer, Friedrich Pollock, Karl Wittfogel, foram alguns dos pensadores que participaram do círculo Frankfuriano. De diferentes maneiras, traduziram a desilusão dos intelectuais com respeito às transformações do mundo contemporâneo, seu ceticismo quanto aos resultados do engajamento político e revolucionário, mas também, o desejo de autonomia e de independência do pensamento.

Entretanto, o que esta justificativa oculta são interesses comerciais que beneficiam as classes dominantes. Aliás, essa é uma característica marcante da razão subjetiva: até mesmo os conceitos mais sublimes, como a democracia, são esvaziados do seu significado e utilizados para quaisquer fins.

A outra concepção de razão elucidada por Horkheimer, a razão objetiva, aproxima-se muito do sentido dado pelos gregos, ou seja, é tanto o respeito à estrutura da natureza quanto a sua possibilidade de compreensão. As ações humanas na relação com a natureza não podem ser de dominação, mas de harmonização, de sincronia. Há ainda um outro aspecto da razão objetiva que é a busca pela compreensão do conceito em si, de modo que o seu sentido está nele mesmo, independente dos seus resultados e adequações que visem fins práticos e lucrativos. Horkheimer também resgata no imperativo categórico de Kant a concepção objetiva de razão, na qual a ação do sujeito é incondicional. “Não se deve ser justo para ser respeitado, deve-se apenas ser justo”.

Essa transição de razão objetiva para a subjetiva não aconteceu de repente, foi um processo gradativo que teve seu início com o Iluminismo². Esse movimento tanto valorizou a razão e se esforçou para que a racionalidade suplantasse a mitologia e a religião que acabou enfraquecendo a razão objetiva, ocasionando uma crise na própria razão. Em referência ao iluminismo, a professora de filosofia Amália Luíza De Sandro Nery Ferreira escreve:

O homem, detentor da razão, poderá finalmente se libertar dos preconceitos religiosos, das superstições, porque a razão iluminadora dará conta de explicar todos os acontecimentos, auxiliando o homem a se aperfeiçoar nos seus aspectos morais, sociais, através do progresso das ciências.

2 Iluminismo expressa um movimento filosófico, político e artístico surgido no século XVIII, relacionado com a ascensão da burguesia, que buscava colocar a razão como a única forma de conhecimento da natureza por meio da ciência, orientadora das ações morais, éticas e políticas, (MATOS, 1993). Porém, também pode ter um significado mais amplo, dado por Horkheimer, como uma forma de pensar surgida entre os gregos que coloca a razão como guia das ações, dos questionamentos e dos conhecimentos humanos.

Baseados nas idéias iluministas, os positivistas inauguram o moderno pensamento científico, contemplando a razão como fonte única de conhecimento verdadeiro preocupando-se somente com o que é capaz de ser mensurável. Durante esse período do moderno pensamento científico duas correntes tentaram solucionar a crise com a qual a humanidade se deparava. De um lado o positivismo proclamando em seu discurso a anti-intuição, a anti-mitologia e o anti-dogmatismo, buscando assim resultados que podiam ser comprovados por meio de causas e conseqüências, afirmando inclusive que o conhecimento só será verdadeiro, ou melhor, válido, quando estiver postulado sob parâmetros científicos.

Do outro lado estava o Neotomismo³, que reformulou os conceitos religiosos ou metafísicos, a fim de contextualizá-los de acordo com as necessidades temporais, com o propósito de dominar a realidade e não de criticá-la. O Neotomismo tenta parar o pensamento em um ponto determinado pela fé, ou seja, o conhecimento pode ser verdadeiro sem precisar questionar a veracidade ou necessidade da existência de Deus, entre outras idéias religiosas, a fim de criar uma proteção para algum ser ou valor supremo.

Mas este dogmatismo chegou a um beco sem saída devido a fragmentação da fé, que se antes era única (valorizada por si mesma), torna-se posteriormente uma questão de utilidade ou finalidade. Mas que finalidade seria esta? A utilização da fé como um instrumento de inserção social e de dominação das massas, além de um paliativo para as dificuldades sociais e psicológicas do indivíduo moderno. A fé como essência espiritual é deixada de lado, passando a ter valor condicional, principalmente em busca de lucros pelas instituições religiosas.

Por isso a derrocada da postulação neotomista foi a impossibilidade de comprovar aquilo que foi proposto inicialmente, ou seja, pragmatizar a fé como uma ciência, algo sabidamente contraditório, pois não podemos mensurar a fé do mesmo modo

3 Doutrina filosófica que toma por base o pensamento de Tomás de Aquino, adaptando-o, quando necessário, para levar em conta as descobertas científicas e os problemas específicos do mundo moderno. (JIPIASSÚ & MARCONDES, 1996, p. 194)

que podemos mensurar os objetos e fatos utilizando a ciência.

Portanto essas duas correntes (Positivismo e Neotomismo) cometeram erros gêmeos, ao engessar as ações humanas criando dogmas para aquilo que acreditavam ser uma solução para os problemas humanos. Deste modo, o conformismo de ambas correntes colocou o ser humano em segundo plano, como um objeto que só tem valor enquanto mercadoria e cuja produtividade deve estar adequada à sociedade. Será a sociedade que convencionará tais valores, superficiais e práticos, importando-se somente com as finalidades.

Estes valores sociais brotaram num período histórico denominado de Revolução Industrial, caracterizado por uma forma acirrada de capitalismo, muitas vezes chamado de “capitalismo selvagem”.

O ideal positivista fortaleceu e predominou nas ações convenientes e oportunistas que a sociedade consagrou como progresso⁴. A busca imediatista da dominação da natureza em nome do progresso resultou em guerras e atrocidades de todos os níveis, como ocorreu na Primeira Guerra Mundial em 1914, quando a derrota da Alemanha e a perda de seus territórios deram início a um espírito de frustração coletiva.

Assim, com essa atmosfera, as idéias nazistas tiveram sentido e despertaram nos alemães sentimentos de superioridade e vingança que foram colocados em prática na Segunda Guerra Mundial. Aí manifestaram o ódio elevado ao extremo, na criação de campos de concentração, nos quais foram assassinados milhões de judeus com requintes de crueldade inimagináveis. Utilizando-se de conceitos formulados pelas ciências, os idealizadores do nazismo justificaram diante da sociedade alemã a superioridade da raça ariana. A razão instrumental fundamentou a barbárie.

Horkheimer ressalta mudanças evidentes no cenário político contemporâneo, mostrando que o poder que era de âmbito

4 A ideologia do progresso é típica do século XVIII, segundo ela, a filosofia das luzes (Iluminismo) teria descoberto na noção de uma marcha contínua para a verdade a figura na qual melhor se exprimia seu otimismo histórico, tendo como base primordial o avanço da ciência. (JIPIASSÚ & MARCONDES, 1996).

aristocrático, religioso e militar, passa por modificações balizadas pelo ideal positivista, elegendo a tecnocracia como a nova forma de domínio político.

Podemos observar o quão certo Horkheimer estava na sua avaliação da sociedade ao percebermos os rumos que ela está tomando. É indiscutível que, na atualidade, o controle do planeta está nas mãos das multinacionais que promovem as mudanças das leis necessárias para proporcionar o que lhes é conveniente e lucrativo, articulando a inserção de Chefes de Estado capitaneados por seus incentivos, assegurando cada vez mais o seu domínio expansionista e predatório na exploração do planeta.

Dentre os inúmeros esclarecimentos, extremamente relevantes para a sociedade moderna, feitos por Horkheimer em seu livro *Eclipse da razão*, um se destaca de modo particular: entender o significado da filosofia.

A filosofia para Horkheimer não pode se tornar uma panacéia no sentido pragmático do termo, pois isso é ilusório e além do aspecto autoritário a transformaria numa doutrina repressiva.

A filosofia não se presta ao papel de estabelecer regras a serem seguidas, e muito menos visa alguma finalidade estática ou utilitarista. Quando tentamos amordaçar a filosofia com dogmas, preceitos e prescrições, aniquilamos qualquer possibilidade de sobrevivência dela, pois a filosofia tem um papel único, singular para a humanidade, algo que é essencial, ou melhor, primordial para o conhecimento humano. Somente a filosofia é capaz de possibilitar a avaliação do conhecimento humano, não como finalidade utilitarista, pois isto nos levaria ao mesmo erro pragmatista, mas como questionamento da própria intenção de avaliar.

A cada ano a sociedade moderna se torna mais superficial, consumista e deslumbrada por imagens, por isso temas filosóficos tendem a ser motivo de chacotas em ambientes conformistas e totalmente, reafirmamos, totalmente dominados pelo despreparo e falta de leitura. Mas àqueles que ainda prezam a faculdade de pensar e que acreditam ser possível criar o novo, dizemos que:

“A filosofia é o único conhecimento que nos resta para combater a alienação enraizada na sociedade”

(Grupo Diálogos Filosóficos)

Referências bibliográficas

FERREIRA, Amália Luíza D. S. N. **O saber filosófico como fundamento de uma educação para a cidadania.** São Paulo: Scortecci, 2006.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

JIPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1996.

MATOS, OLGÁRIA C.F. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo.** São Paulo: Moderna, 1993.

